

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS ESTUDOS BRASILEIROS NAS UNIVERSIDADES FRANCESAS DURANTE O SÉCULO XX.

Jose Adil B. de Lima¹.

Desde as últimas décadas do século XX, um novo campo de pesquisas interdisciplinar vem se firmando e se consolidando, sobretudo entre intelectuais brasileiros e franceses: o campo de estudos das relações culturais franco-brasileiras. Como argumentei em outro momento (LIMA, 2019), esse campo de pesquisas esteve associado ao intenso processo de globalização que se desenvolveu principalmente a partir da década de 1980. Por conta disso, ele se assemelha a outras tendências e correntes de pensamento da mesma época, como a *global history*, a história cruzada ou as *connected histories*, que buscam a transnacionalidade a partir da análise das circularidades e dos contatos que escapam aos limites dos quadros nacionais.

Dentro dos estudos que refletem de alguma maneira sobre as relações intelectuais franco-brasileiras, podemos perceber, especialmente entre os autores brasileiros, uma certa tendência em examinar em que medida a tradição intelectual francesa influenciou a tradição cultural brasileira. Isso é particularmente evidente entre os autores vinculados a USP, que construíram uma memória disciplinar forte em torno das missões francesas que vieram colaborar com a fundação da universidade, nas décadas de 1930 e 1940. A ênfase recai quase sempre na importância que a vinda dessas missões teve para a definição e divulgação de modelos teórico-metodológicos, programas e projetos de pesquisa, recortes temáticos e objetos de investigação entre os intelectuais brasileiros. Argumenta-se com frequência que as missões francesas tiveram um papel fundamental para a definição de fronteiras disciplinares e para o processo de profissionalização das ciências sociais e da historiografia brasileiras².

¹ Professor colaborador da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP).

² A lista de trabalhos nessa linha é imensa. Aqui, destaco apenas os textos reunidos no n.22 da revista *Estudos Avançados*, publicado em 1994, na ocasião da comemoração dos 60 anos da USP. São os textos mais significativos nesse sentido, escritos por diversos professores e ex-alunos que elaboraram uma crônica

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nesse texto, eu queria pensar nessas relações intelectuais franco-brasileiras em outro sentido. Ao invés de refletir sobre o que os intelectuais franceses ensinaram para os brasileiros, tentaremos compreender o que os intelectuais franceses aprenderam com o Brasil e com os intelectuais brasileiros.

Nesse sentido, nesse texto minha ambição é bastante modesta, pretendo apresentar apenas alguns apontamentos sobre o processo de institucionalização dos estudos brasileiros nas universidades francesas.

O interesse francês pelo Brasil, como se sabe, é antigo e remonta ao século XVI. De maneira geral, podemos perceber que, para os franceses, o Brasil sempre se manifestou como um referencial dionisíaco, desde os séculos XVI e XVII, quando tentaram estabelecer colônias no Rio de Janeiro e no Maranhão, os franceses construíram uma imagem edênica do Brasil, onde a própria viagem ao Brasil se confundia com a busca de um paraíso perdido. Diversos filósofos e pensadores franceses, como Montaigne, Voltaire, Montesquieu, Diderot e Rousseau, se fascinaram e se inspiraram nos povos indígenas brasileiros para formular suas teorias da bondade natural e do bom selvagem. Como demonstrou Afonso Arinos de Melo Franco em um livro pioneiro de 1937, o índio brasileiro não deixou de ter laços com utopias que subjazem a algumas ideias sólidas da Revolução Francesa (FRANCO, 1976).

Se o Brasil já havia sido objeto de interesse de diversos franceses isolados há muitos séculos, cumpre destacar que foi apenas durante o século XX que o Brasil se tornou um objeto de estudos sistemático nas universidades francesas. Esse interesse universitário pelo Brasil esteve diretamente relacionado com os interesses político-ideológicos da Terceira República Francesa. Desde as décadas finais do século XIX, a França procurava desenvolver sua influência política, cultural e econômica em países da América Latina, em um contexto imperialista de concorrência com outras potências, como os EUA e Alemanha. Aliás, a própria ideia de “América Latina” foi forjada por

as origens da universidade com base em perfis de mestres ilustres. Lá encontraremos vários depoimentos sobre a importância que tiveram os professores da missão francesa para a USP, especialmente figuras como Fernand Braudel, Pierre Monbeig e Roger Bastide.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

intelectuais franceses para justificar e legitimar a influência francesa nas ex-colônias ibéricas. Assim, os franceses buscaram se apresentar como os grande porta-vozes, como a grande matriz de todos os povos latinos. Isso reforçava o papel messiânico e civilizador da nação francesa e servia como ferramenta para expandir os domínios coloniais franceses e lutar por novos mercados consumidores fora da França (MARTINIÈRE, 1982, p. 27-31). Nas primeiras décadas do século XX, os franceses construíram uma política cultural que era pensada basicamente em termos de propaganda e influência cultural, sempre com o intuito de fomentar a admiração pela cultura francesa e incentivar o consumo de produtos culturais franceses (SUPPO, 2000, p. 313).

Nesse sentido, quando os fundadores das primeiras universidades brasileiras da década de 1930 foram a Europa recrutar universitários para lecionar no Brasil, os franceses viram uma oportunidade de ouro para reforçar e expandir sua influência cultural na América Latina. Assim, os franceses vieram para o Brasil tentando assumir o papel de “missionários”, orientando e aconselhando as grandes linhas de ações que deveriam ser seguidas pelos intelectuais brasileiros.

Interessante destacar que, até esse momento, o Brasil era praticamente desconhecido dos universitários franceses. Nosso país já havia sido estudado, certamente, por alguns geógrafos universitários do final do século XIX, como Émile Levasseur, Pierre Denis e Vidal de la Blache, sobretudo em razão das disputas de fronteira entre Brasil e Guiana Francesa. Mas, de maneira geral, os estudos sobre o Brasil eram muito escassos, vistos apenas como parte menor do campo de estudos sobre a América Latina. Os historiadores franceses geralmente chegavam ao tema da América Latina através da história moderna, como um aprofundamento sobre a história do império ultramarino da Espanha. Assim, percebemos que a América Latina que era conhecida dos franceses era basicamente aquela de língua espanhola. Esse cenário só se alterou significativamente após a vinda das missões francesas para o Brasil, que permitiu uma verdadeira “descoberta do Brasil” para os intelectuais franceses (MARTINIÈRE, 1982, p. 157).

Dessa forma, pode-se dizer que as missões francesas foram uma espécie de marco inicial do processo de institucionalização dos estudos brasileiros na França, já que vários professores franceses que estiveram no Brasil (como Fernand Braudel, Pierre Monbeig,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, entre outros) retornaram para a França mais tarde, onde introduziram assuntos brasileiros em revistas acadêmicas e cursos universitários.

É importante destacar que a América Latina teve um papel importante no interior do projeto historiográfico dos *Annales*. É o que sugeria Lucien Febvre logo no segundo número dos *Annales d'histoire économique et sociale*, publicado ainda em 1929, quando considerava a América Latina como um “campo privilegiado de estudos”. Febvre afirma que faltavam na França verdadeiros especialistas sobre a América Latina, e que essa era uma realidade que precisava ser corrigida o quanto antes, uma vez que a América Latina era um “laboratório perfeito” para pesquisas fundamentadas em novas perspectivas e problemáticas, pesquisas interdisciplinares capazes de relacionar diversas áreas do conhecimento, como a etnologia, sociologia, geografia e história (FEBVRE, 1929).

Assim, podemos perceber que alguns discípulos de Febvre e colaboradores da revista dos *Annales* foram estimulados a frequentar e a estudar regiões latino-americanas. Dos professores que compuseram as missões francesas das décadas de 1930 e 1940, quase todos escreveram sobre o Brasil em periódicos acadêmicos e revistas especializadas francesas.

No campo da antropologia, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide abriram novas sendas de pesquisas. Lévi-Strauss, que viveu três anos no Brasil, inspirou, principalmente após a publicação de *Tristes Trópicos* (1955), uma série de estudos etnográficos a respeito das sociedades indígenas brasileiras. Diversos etnólogos franceses, como Simone Dreyfus, Patrick Menget, Phillippe Discola e Bruce Albert, viajaram ao Brasil para estudar tribos indígenas amazônicas e mato-grossenses. Bastide, que viveu 15 anos no Brasil, por sua vez, inaugurou na França os estudos sobre as religiões e os cultos afro-brasileiros. Na esteira da antropologia urbana de Bastide, vários antropólogos franceses, como Pierre Verger, Gisèle Cossard, Monique Augrass e Claude Lépine, se dedicaram a análise das religiões afro-brasileiras, quase sempre procurando nelas heranças e reminiscências da cultura e religião africanas. Além disso, Bastide também publicou um livro de síntese, tentando apresentar o Brasil para os franceses, em *Brasil: terra de contrastes*, em 1957 (AUBRÉE, 1991, p. 579-581).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No campo da história, convém destacar que Fernand Braudel, que viveu três anos no Brasil, começou a sua carreira universitária na França como um especialista da América Latina, em geral, e do Brasil, em particular. Além de ter publicado um longo artigo discutindo a historiografia brasileira e a obra de Gilberto Freyre, em 1943, Braudel ministrou uma série de cursos sobre a América Latina no *Institut d'Études Politiques de Paris* e no *Collège de France*, entre 1946 e 1952. Em 1948, ele organizou um volume especial sobre a América Latina na revista dos *Annales*. Nessa época, Braudel formou alguns discípulos que também se tornaram especialistas nos assuntos latino-americanos, como Pierre Chaunu e Frédéric Mauro, que se tornou também um especialista sobre o Brasil (ROJAS, 2003, p. 107-110).

No campo da geografia, quem mais renovou os estudos sobre o Brasil foi Pierre Monbeig. Além de ter escrito diversos artigos e livros sobre a geografia brasileira, Monbeig fundou, em 1954, o *Institut des Hautes Études de L'Amérique Latine* (IHEAL) na Sorbonne Paris-III, um centro interdisciplinar de estudos sobre a América Latina. No mesmo ano, ele publicou o livro *Le Brésil*, na coleção *Qui sais-je?* (SALGUEIRO, 2006, p. 24).

Nas décadas de 1960 e 1970, o tema da América Latina foi se instalando cada vez mais nas universidades francesas. Em 1967 foi criada a primeira cátedra de História da América Latina da França, na Universidade de Paris-Nanterre. O primeiro a ocupá-la foi Frédéric Mauro, ex-discípulo de F. Braudel, que fez suas teses sob a orientação de P. Monbeig. Na Universidade de Paris-Nanterre, Mauro orientou dezenas de teses de doutorado sobre o Brasil, inclusive de alguns pesquisadores brasileiros, como Elisabeth Reuter (1973), Maria Barbara Levy (1975), Carlos Roberto Antunes (1976), Sérgio Odilon Nadalin (1978) e Helenice Rodrigues da Silva (1978)³. Nessa época, um dos mais importantes discípulos de F. Mauro, Guy Martinière, fundou o *Groupe de Recherches et*

³ Informações retiradas do levantamento de teses defendidas sobre o Brasil na França, realizada pelos pesquisadores do *Centre de recherche sur le Brésil contemporaine*, em 2006. O catálogo está disponível online no site da revista *Cahiers du Brésil contemporaine*, <http://crbc.ehess.fr/index.php?431> (consultado dia 08/08/2021).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

d'études économiques et sociales sur l'Amérique Latine (GRESAL) em 1975, na Universidade de Grenoble (SUPPO; LESSA, 2014, p. 214-215).

É importante destacar que, com o desenvolvimento de uma série de ditaduras militares no cone-sul, cresceu significativamente o número de intelectuais latino-americanos exilados na França. Como destacou Helenice Rodrigues da Silva, nessa época os intelectuais latino-americanos exilados multiplicavam seus contatos com a esquerda francesa, escrevendo sobre a realidade de seus respectivos países em revistas e publicações de esquerda, como *Les Temps Modernes*, *L'Esprit*, *La Pensée*, *Cahiers de l'Amérique Latine*, entre outros. Nos anos 1970, o IHEAL e a Universidade de Paris-Nanterre admitiram alguns importantes intelectuais brasileiros em seu corpo docente, como Fernando Henrique Cardoso e Celso Furtado. Deve-se destacar o caso de Jacques Chonchol, ex-ministro da agricultura do governo de Salvador Allende no Chile, que, graças aos esforços de P. Monbeig, chegou a se tornar diretor do IHEAL (SILVA, 2008, p. 35-36).

Até esse momento, podemos perceber que os estudos sobre o Brasil ainda estavam muito vinculados ao tema mais geral da América Latina. É interessante observar que, enquanto nossa tradição historiográfica tende a pensar o Brasil como um país virado de costas para o continente americano, os franceses se habituavam a pensar no Brasil como parte da América Latina, como um campo de especialização dentro dela. Foi somente nas décadas de 1980 e 1990 que os estudos brasileiros se descolaram dos estudos sobre a América Latina e ganharam autonomia, se institucionalizando definitivamente nas universidades francesas.

Esse processo esteve diretamente relacionado ao momento histórico que se vivia na França nas últimas décadas do século XX, momento em que se desenvolveu uma política cultural que reconhecia a interdependência e a reciprocidade entre as culturas, e que procurava estabelecer o diálogo e a cooperação intelectual e cultural. Na realidade, essa nova política cultural estava associada a volta da esquerda ao poder. Os governos de François Mitterrand, do Partido Socialista (1981-1995), foram bastante marcados pela intensificação das relações culturais, intelectuais e diplomáticas com diversos países,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sobretudo com o Brasil. A França passou a se abrir cada vez mais ao diálogo com outras nações⁴, formulando uma nova política cultural a partir da ideia de que a promoção da diversidade cultural poderia funcionar como forma de defesa e luta contra a uniformização decorrente da globalização (AMARAL, 2008, p. 27).

É dentro do contexto dessa nova política cultural que devemos enquadrar a consolidação da institucionalização dos estudos brasileiros nas universidades francesas. No início dos anos 1980, Guy Martinière, discípulo de Frédéric Mauro, se esforçou para transformar o GRESAL em um verdadeiro centro de cooperação intelectual entre pesquisadores franceses e brasileiros. Sob sua direção, o GRESAL lançou a coleção *Brasília*, um projeto de colaboração franco-brasileira em pesquisas de ciências sociais, que contou com a participação de importantes acadêmicos dos dois lados do Atlântico, como Celso Furtado, Jean-Revel Mouroz e Daniel Pécaut.

Foi justamente nessa época que antigos mestres do estruturalismo francês, como Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss, começaram a revisitar suas trajetórias intelectuais em livros e entrevistas, onde ressaltavam a importância de suas experiências brasileiras na década de 1930. Em uma série de entrevistas que concedeu entre 1983 e 1984, Braudel afirmou repetidas vezes que havia passado os anos mais felizes de sua vida no Brasil, que tinha a convicção de que fora a experiência brasileira que lhe permitiu desenvolver sua concepção de história etc. (LIMA, 2006, p. 39-40). Lévi-Strauss, por sua vez, participou ativamente do projeto França-Brasil, do Ministério das Relações Exteriores francês, chegando inclusive a fazer parte da visita oficial do presidente Mitterrand ao Brasil.⁵

Deve-se destacar que essa visita do presidente francês ocorreu logo após o término do regime militar e início da redemocratização brasileira. A partir desse momento, as

⁴ Como observou Guy Martinière, essa política cultural francesa mais aberta ao diálogo não deixou de ser vista como sinal de fraqueza e decadência, sobretudo no início dos anos 1980. Para muitos observadores da época, o fato de a França estar abdicando de sua “missão civilizadora”, de tutelar as nações mais atrasadas, traduzia a posição do país numa curva descendente (MARTINIÈRE, 1991, p. 649).

⁵ Alguns anos mais tarde, Lévi-Strauss publicou um livro com as fotografias que tirou no Brasil durante os anos 1930, chamado *Saudades de São Paulo* (1996). E, em 2005, no ano do Brasil na França, ele concedeu uma entrevista ao jornal *Le Monde* onde afirmou: “O Brasil representa a experiência mais importante da minha vida, ao mesmo tempo pelo distanciamento e contraste, mas também porque determinou minha carreira. Sinto em relação a esse país uma dívida muito profunda” (LÉVI-STRAUSS, 2011, p. 34).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

relações culturais e intelectuais com o governo de esquerda francês se aceleraram significativamente. Assim, em 1985 foi criado o *Centre de Recherche sur le Brésil Contemporaine* (CRBC), no interior da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). Dois anos mais tarde, foram criados a revista *Cahiers du Brésil Contemporaine* (CBR) e a primeira cátedra de História do Brasil da França, na Sorbonne Paris-IV, sempre ocupada por professores brasileiros, como Kátia Queiróz Mattoso, Luiz Felipe de Alencastro e, mais recentemente, Laura de Mello e Souza (SUPPO; LESSA, 2014).

Nesse momento, podemos perceber os esforços dos intelectuais franceses de superar aquela postura de “missionários” e de tentar estabelecer uma cooperação intelectual mais equilibrada, com uma participação mais ativa dos intelectuais brasileiros. Os franceses reconheciam que, com a modernização, industrialização e com o desenvolvimento dos programas de pós-graduação universitários brasileiros, não fazia mais sentido assumir a postura de missionário. Embora alguns autores, como Milton Santos, tenham questionado se essa suposta colaboração mais equilibrada tenha de fato sido atingida⁶, cumpre destacar que houve um esforço para estabelecê-la.

Uma das iniciativas mais significativas nesse sentido foi o projeto Brasil-França, que pretendia proporcionar um melhor conhecimento recíproco, valorizar e incrementar a cooperação entre os dois países. Além de prever a visita do presidente francês ao Brasil, esse projeto também desenvolveu o Banco de Dados Brasil-França, um banco bibliográfico bilíngue sobre as relações culturais entre França e Brasil, desde o século XVI até o século XX, organizado por Mario Carelli, professor francês de ascendência brasileira.

A originalidade desse Banco de Dados, finalizado em 1988, é que ele próprio foi construído a partir da colaboração de intelectuais e instituições culturais de ambos os países. No Brasil participaram autores vinculados à Casa França-Brasil, do Rio de Janeiro, e ao Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, em São Paulo. Na França,

⁶ De acordo com Milton Santos: “Nas ciências exatas, nas ciências naturais e biológicas, um verdadeiro trabalho de cooperação é já possível. Nas ciências humanas, tenho minhas dúvidas se esta cooperação está realmente sendo feita, exceto em casos muito particulares. Trabalhamos juntos, mas não é sempre (diria mesmo raramente) um trabalho em cooperação, o que é de lamentar para os dois parceiros” (SANTOS, 1991, p. 628).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

colaboraram autores da EHESS, da Maison de Sciences de l'Homme (MSH) e do IHEAL. Além desse banco bibliográfico, o projeto França-Brasil também realizou um importante colóquio sobre as imagens recíprocas do Brasil e da França, que ocorreu no IHEAL em 1987. O evento contou com o patrocínio da UENSCO e dos Ministérios das Relações Exteriores do Brasil e da França. Participaram do colóquio embaixadores franceses e brasileiros, como Henrique Rodrigues Valla Júnior, André Lein e Robert Richard, e importantes intelectuais brasileiros, como Milton Santos, Celso Furtado (que aquela altura era ministro da Cultura do governo Sarney), Leyla Perrone-Moisés e Maria Isaura Pereira de Queiróz. Além deles, ao longo de toda uma semana, mais de 300 universitários, professores primários e secundários, autores de livros didáticos, jornalistas, entre outros, participaram do evento. As comunicações do colóquio foram publicadas em 1991, em um imenso volume bilíngue, *Images reciproques du Brésil et de la France*. De maneira geral, o evento privilegiou as imagens do Brasil na França, mostrando como essas imagens ainda são ultrapassadas, superficiais, vítimas de preconceitos e estereótipos (PARVAUX; REVEL-MOUROZ, 1991, p. 18-19).

Esse cenário se estendeu também durante o início do século XXI. A política externa do governo Lula, além de ter buscado uma aproximação maior com países da América do Sul e da África, também estabeleceu importantes acordos de cooperação com a França. Nesse sentido, deve-se destacar a organização dos projetos culturais do Ano do Brasil na França (2005) e do Ano da França no Brasil (2009), ocasiões em que houve grande esforço de ambos os países para destacar e divulgar mutuamente suas culturas.

Enfim, podemos perceber, portanto, que o processo de institucionalização dos estudos brasileiros nas universidades francesas durante o século XX esteve estritamente relacionado com a intensificação das relações políticas e culturais entre Brasil e França, um processo que contou com largo apoio e investimento de diversos órgãos e instituições culturais, inclusive dos próprios Ministérios das Relações Exteriores de ambos os países.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ruy Pacheco. *O ano do Brasil na França: um modelo de intercâmbio cultural*. Brasília : Fundação Alexandre Gusmão, 2008.

AUBRÉE, Marion. *Imagens e influências do Brasil entre antropólogos franceses*. In : PARVAUX, S.; REVEL-MOUROZ, J. (org.) *Images reciproques du Brésil et de la France*. Paris : Éditions de l'IHEAL, 1991.

FEBVRE, Lucien. *Amérique du Sud: um champ privilégié d'études*. Annales d'histoire économique et sociale, n.2, 1929.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **O índio brasileiro e a Revolução Francesa: as origens brasileiras da teoria da bondade natural**. Rio de Janeiro : Topbooks, 1976.

LIMA, Luís Corrêa. *Fernand Braudel e o Brasil: vivência e brasilianismo (1935-1945)*. São Paulo : Edusp, 2006.

MARTINIÈRE, Guy. **Aspects de la coopération franco-brésilienne : Transplantation culturelle et stratégie de la modernité**. Paris : Presses universitaires de Grenoble, 1982.

MARTINIÈRE, Guy. *As imagens científicas, técnicas e industriais: um desafio da cooperação franco-brasileira*. In PARVAUX, S.; REVEL-MOUROZ, J. (org.) *Images reciproques du Brésil et de la France*. Paris : Éditions de l'IHEAL, 1991.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Braudel, o mundo e o Brasil*. São Paulo : Editora Cortez, 2003.

SANTOS, Milton. *A cooperação em geografia*. In : PARVAUX, S.; REVEL-MOUROZ, J. (org.) *Images reciproques du Brésil et de la France*. Paris : Éditions de l'IHEAL, 1991.

SILVA, H. R. *O exílio dos intelectuais e os intelectuais exilados*. In : SILVA, H. R. KOHLER, H. (orgs.). *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2008.

SUPPO, Hugo. *A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões francesas*. Revista de História, 142-143, (2000), p. 309-345.

ANPUH-Brasil – 31^o Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SUPPO, Hugo; LESSA, Mônica. Brazilianist, brésilianiste, brasilianista: ou comment bâtir une coopération scientifique. IN : VIDAL, Laurent; POTON, Didier (orgs.). **Du Brésil à l'atlantique: essais pour une histoire des échanges culturels internationaux.** Rennes : Presses universitaires de Rennes, 2014.